

DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ: APLICAÇÃO DO MÉTODO CONSTANTE MARKET- SHARE (2003-2016)

*Performance of Brazilian coffee exports: application of the
market-share method (2003-2016)*

*Desempeño de las exportaciones brasileñas de café: aplicación
del método constante market-share (2003-2016)*

DOI: 10.48075/igepec.v27i1.29397

Francisco Laercio Pereira Braga
Kilmer Coelho Campos

DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ: APLICAÇÃO DO MÉTODO CONSTANTE MARKET-SHARE (2003-2016)

*Performance of brazilian coffee exports: application of the market-share method
(2003-2016)*

*Desempeño de las exportaciones brasileñas de café: aplicación del método constante
market-share (2003-2016)*

Francisco Laercio pereira Braga
Kilmer Coelho Campos

Resumo: O objetivo deste artigo foi identificar os elementos de desempenho das exportações brasileiras dos produtos do setor cafeeiro por meio do método *Constant Market Share* (CMS) no período (2003- 2016). Esta análise teve como base metodológica o método *Constant Market-Share* em três períodos: 2003 a 2008 (período I), 2009 a 2013 (período II) e 2014 a 2016 (período III). Os resultados do estudo revelaram que o efeito crescimento do comércio mundial foi fator decisivo para o desempenho das exportações desses produtos do Brasil e das regiões Sudeste e Nordeste, enquanto o efeito destino teve força negativa em todos os períodos analisados. Contudo, alguns blocos econômicos tiveram efeitos positivos, por sua vez, o que contribuiu para amenizar o resultado negativo do efeito destino total. Por fim, o efeito competitividade foi negativo para o desempenho das vendas dos produtos nos períodos II e III.

Palavras-chave: Competitividade. Café brasileiro. Blocos econômicos.

Abstract: The objective of this article was to identify the performance elements of Brazilian exports of coffee products through the Constant Market Share (CMS) method in the period 2003-2016. This analysis was based on the Constant Market-Share method in three periods: 2003 to 2008 (period I), 2009 to 2013 (period II) and 2014 to 2016 (period III). The results of the study showed that the growth effect of world trade was a decisive factor for the export performance of these products in Brazil and the Southeast and Northeast regions, while the destination effect had a negative effect in all the periods analyzed. However, some economic blocks had positive effects, in turn, which contributed to soften the negative result of the total destination effect. Finally, the competitiveness effect was negative for the sales performance of the products in periods II and III.

Keywords: Competitiveness. Brazilian coffee. Economic blocks.

Resumen: El objetivo de este artículo fue identificar los elementos de desempeño de las exportaciones brasileñas de productos del sector cafeeiro utilizando el método de Participación de Mercado Constante (CMS) en el período (2003-2016). Este análisis se basó metodológicamente en el método de Participación de Mercado Constante en tres períodos: 2003 a 2008 (período I), 2009 a 2013 (período II) y 2014 a 2016 (período III). Los resultados del estudio revelaron que el efecto crecimiento del comercio mundial fue un factor decisivo para el desempeño de las exportaciones de estos productos desde Brasil y las regiones Sudeste y Nordeste, mientras que el efecto destino tuvo una fuerza negativa en todos los períodos analizados. Sin embargo, algunos bloques económicos tuvieron efectos positivos, a su vez, que contribuyeron a paliar el resultado negativo del efecto destino total. Finalmente, el efecto competitividad fue negativo para el desempeño de las ventas de productos en los períodos II y III.

Palabras clave: Competitividad. Café brasileño. Bloques económicos.

INTRODUÇÃO

O desempenho da economia brasileira foi marcado, historicamente, pela produção e comercialização de *commodity*, principalmente aquelas relacionadas ao setor agrícola, fonte geradora de divisas. Esse fato corrobora os esforços em estudar os ciclos econômicos que iniciaram desde o seu processo de colonização, dentre eles um dos mais importantes, a saber: o ciclo do café. Essa conjuntura auxiliou o País a se tornar um grande produtor e exportador de café, com atuação de destaque do agronegócio brasileiro no mercado mundial.

Nos anos de 1990, o mercado internacional de café apresentou mudanças importantes, dentre elas, o crescimento significativo da produção mundial de café que impactou diretamente o lado da oferta mundial, principalmente após a entrada do Vietnã no mercado mundial de café, o qual já se configura com um dos maiores produtores e exportadores do mundo (SCHNAIDER; SAES, 2013).

Na conjuntura nacional, as mudanças geográficas e estruturais, assim como ampliação da fronteira agrícola que ocorreu nos anos de 1970, fizeram com que o cultivo, hoje, se faça presente em grande parte do território brasileiro (SAKON *et al.*, 2012). Esses fatores ajudaram a manter o Brasil entre os maiores produtores de café do mundo, com produção centrada em variedades arábica e robusta (COSTA; SILVA, 2004). Nesse contexto, a abertura comercial brasileira ocorrido no início dos anos de 1990 e o fim dos Acordos Internacionais do Café e da total desregulamentação do setor cafeeiro nacional por parte do governo, fizeram com que a agroindústria nacional vivenciasse uma nova realidade (COSTA; SILVA, 2004; SANTOS; FERREIRA, 2018). Essa mudança na realidade da agroindústria nacional ocasionada pela desregulamentação do setor cafeeiro proporcionou um cenário competitivo e com alterações do papel do Estado, conforme mencionado por Barra (2021).

Apesar da queda de participação presenciada na pauta de exportação brasileira a partir da década de 1990 e na perda de importância em relação aos demais setores brasileiros (PIRES *et al.*, 2007), a cultura ainda é representativa para a economia brasileira. Para complementar as informações sobre a importância da cafeicultura do mercado nacional, entre 2019 e 2020, o Brasil ainda liderava o ranking de produção de café, com 41 milhões de sacos produzidos, seguido pela Colômbia e Etiópia. Em termos de comércio internacional, o Brasil ainda é o primeiro do ranking dos países exportadores de café verde, com 36.624 mil sacos de café exportados entre 2019 e 2020 (BRAINER, 2020). No entanto, Nishijima, Saes e Postali (2012) reforçaram que mesmo o Brasil ainda sendo o maior exportador de café, a crescente oferta no mercado mundial, principalmente do café robusta vietnamita, poderá reduzir, gradativamente, fatias importantes do café brasileiro no longo prazo, o que exigirá a adoção de medidas que possam evitar ou amenizar esse efeito sobre a economia brasileira.

Diante deste panorama, a preocupação pela qualidade do café nacional surgiu na década de 2000 e se intensificou ao longo dos anos 2010, com a busca por tamanho e uniformidade dos grãos para atender as exigências dos importadores, além, claro, de preços mais vantajosos (JOÃO; SALGUERO; JESUS, 2009). Sereia, Camara e Anhesini (2012) afirmam que a infraestrutura de pesquisa e desenvolvimento de novas variedades de sementes, assim como a busca por novas técnicas de cultivo e manejo de safras no Brasil contribuiu para a competitividade da agroindústria do café nacional, que a fez elevar sua eficiência produtiva perante o comércio internacional e conseguiu manter a vantagem comparativa na produção dos diferentes tipos de café (SANTOS; FERREIRA, 2018).

Assim, o artigo objetiva identificar as fontes de desempenho das exportações brasileiras de produtos de café por meio do método *Constant Market-Share* (CMS) no período de 2003 e 2016. Interessou-se, ainda, revelar os componentes das performances das exportações, de maneira comparativa, das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil com os principais blocos econômicos demandantes do café nacional.

A justificativa por estudar as duas regiões neste trabalho pauta-se, primeiro, em compreender o comportamento das exportações regionais desta cultura a partir das mudanças políticas e econômicas nacionais e internacionais, o que acompanhou o crescimento do agronegócio nacional no período considerado. Em segundo lugar, devido a posição de destaque tradicional do setor cafeeiro da região Sudeste, com 95% de participação nas exportações de produtos do setor nacional entre 2003 e 2018, e o ganho de mercado presenciados pelo setor cafeeiro nordestino, que registrou média de participação de 2%. Fatores estes que fizeram as duas regiões obterem maiores médias de participação nas vendas referentes ao comércio mundial, com leve deterioração da competitividade nordestina no mercado a partir de 2012 (BRASIL, 2019).

Além desta introdução, o artigo está dividido em quatro seções. A segunda seção traz o referencial teórico. A terceira seção debate sobre a metodologia que fundamenta este artigo. A quarta seção retrata os resultados apresentando o comportamento da exportação de café e os rebatimentos do comércio nas exportações dos produtos de café das regiões Sudeste e Nordeste do País. Por fim, têm-se as conclusões.

2 – TEORIAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL E SUAS REFLEXÕES

Segundo Costa e Castro (2015), as teorias referentes ao comércio internacional ganharam relevo nas explicações sobre os fatores determinantes para a consolidação do intercâmbio comercial entre os países e regiões e seus possíveis benefícios obtidos deste comércio. E este tema, no cenário brasileiro, desperta interesse dos pesquisadores, mesmo diante da vasta literatura disponível que se inicia desde a abordagem mercantilista, como primeiro conjunto de ideias que tentavam, de alguma maneira, explicar o funcionamento do comércio entre os países até as teorias modernas sobre o comércio internacional (CARMO; MARIANO, 2010).

Os estudos e debates sobre o comércio internacional iniciaram-se a partir do século XVIII e que possibilitam, ainda hoje, a identificação dos motivos da existência do comércio, assim como seus benefícios, dentre eles os custos para o alcance do crescimento econômico de uma determinada economia e surgimento de oportunidades que nascem a partir do processo de intensificação do mundo globalizado (BRAGA; VILHENA; LIMA, 2017). Nesse quadro, as primeiras discussões sobre a teoria do comércio internacional buscam explicações para as trocas internacionais entre os países, cujo precursor foi Adam Smith no seu livro *Riqueza das Nações* de 1776. As contribuições de Adam Smith continuam importante nos debates sobre a economia, pois identificou a produção como fator-chave para a explicação da origem das riquezas das nações (CARMO; MARIANO, 2010; MAIA, 2013).

Assim, ao desenvolver a teoria das vantagens absolutas, em que a ocorrência de ganhos advinha da especialização da produção de bens que os países detivessem, Smith explica que as regiões econômicas deveriam produzir e exportar os bens que fossem obtidos com maiores produtividades e eficiência e importar mercadorias de outras regiões que fossem mais especializadas, o que lhes proporcionariam as vantagens absolutas (BRAGA; VILHENA; LIMA, 2017).

Neste contexto, nota-se que o fundamento da vantagem absoluta está diretamente ligado a questão da especialização do trabalho ou especialização absoluta.

Contudo, a teoria desencadeou, posteriormente, alguns questionamentos que levaram ao surgimento da teoria das vantagens comparativas que foi desenvolvida por David Ricardo, no qual o comércio internacional é definido, na verdade, pelas diferenças dos montantes dos fatores de produção entre os países. Segundo esta teoria, os benefícios oriundos da intensificação do comércio internacional poderiam ocorrer mesmo entre aquelas economias que não tivessem vantagem absoluta na produção de nenhuma das mercadorias, pois a variável a ser considerada são as diferentes produtividades do trabalho existentes nestas economias. Então, na teoria de David Ricardo, cada nação ou região deveria se especializar e tirar proveitos em mercadorias que obtivessem vantagem comparativa para impactar positivamente em sua produção (MOREIRA, 2012; FRANCK *et al.*, 2017; MELO; BRAGA; AMARAL FILHO, 2019).

Para Krugman, Obstfeld e Melitz (2015), a teoria das vantagens comparativas sofre influências da abundância relativa dos fatores de produção e, também, pela intensidade relativa com a qual tais fatores são utilizados na produção de bens. Os autores defendem, ainda, que a troca internacional que ocorre entre os países não é resultado apenas da vantagem comparativa, mas dos rendimentos crescentes de escala e das economias internas e externas.

Neste panorama, o estudo da competitividade significa, então, a ampliação dos conceitos da teoria das vantagens comparativas proposta por D. Ricardo e a inserção de outras hipóteses possíveis, tais como: economias de escala, economias de escopo e por fatores do lado da demanda (BRAGA; MELO, 2017). Dessa forma, o desenvolvimento de várias regiões voltadas para a produção de mercadorias para a exportação pode ser influenciado pelo comércio internacional a partir das oportunidades de crescimento do comércio, que impulsionam, de forma positiva, a renda e o emprego da população (MELO; BRAGA; HOLANDA, 2014).

In hoc sensu, após o desenvolvimento da teórica clássica, alguns estudiosos começaram a apontar suas limitações, onde eram apoiadas no custo comparativo-trabalho, enquanto as teorias neoclássicas basearam-se no custo comparativo-oportunidades, representado pelo trabalho dos economistas suecos de Eli Heckscher e adaptada por Bertil Ohlin (MAIA, 2013). Segundo Heckscher e Ohlin, a explicação do comércio internacional está relacionada ao fato de que os países tendem a exportar/importar mercadorias cuja produção dependa da abundância/escassez de trabalho, terra e capital. Essa teoria tornou-se a incorporação de novos fatores as teorias já existentes, pois a relação entre menores custos relativos e o montante de fatores é moderada pelo princípio do custo relativo, ou seja, o crescimento das exportações está relacionado ao aumento da eficiência da utilização dos recursos produtivos completamente empregados (MOREIRA, 2012; CARINATO, 2011).

De acordo com Costa e Casto (2015), o modelo apresentado por Heckscher-Ohlin (H.O.) é um dos modelos que explana as diferenças comerciais dada as dotações relativas de fatores de produção existentes das economias. Os autores complementam, ainda, que segundo o modelo de H.O., uma determinada nação ou região econômica tende a se especializar e exportar mercadorias que utilizam, intensivamente, fatores que são mais abundantes e, por outro lado, tendem a demandar mercadorias cuja sua produção esteja sujeita a fatores escassos da nação ou região.

Fontenele e Melo (2003) colocam que os princípios básicos da teoria neoclássica receberam um cuidado especial e formalizado de Samuelson em 1948. Duas décadas após, Balassa (1965) mediu a competitividade de uma economia por meio da utilização do conceito de vantagem comparativa. De acordo com Fontenele e Melo (2003) este trabalho de Bela Balassa o tornou um dos autores mais importantes nos estudos sobre desempenho de comércio exterior. Nessa mesma linha, duas décadas após Balassa, Lafay (1987) aprofundou os estudos sobre vantagem comparativa revelada e revelou os

ganhos de competitividade internacional, onde atribuía pesos semelhantes para as exportações e importações dos indicadores de competitividade.

Desta maneira, constata-se que todos estes estudos sobre a competitividade de economias, sejam elas de países ou regiões, no comércio exterior possui significativa importância para literatura econômica. Isso acontece devido a atenção que passa a existir, cada vez mais, na identificação do surgimento de janelas de oportunidades ou obstáculos impostos ao intercâmbio comercial entre os países no mundo globalizado, principalmente após aos diversos acordos comerciais assumidos entre vários países e blocos econômicos.

3 – METODOLOGIA

A fonte dos dados utilizados foi coletada no site *Food and Agriculture Organization of the United Nations* (FAO), onde obteve-se informações sobre valores exportados e importados em dólares de café entre 2003 e 2016, último ano disponível até o período da confecção deste estudo. No que se refere dados de exportação e importação do Brasil, utilizou-se das informações fornecidas pelo Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (*Comex Stat*), no qual se obteve dados de série histórica das exportações e importações em FOB (*Free on Board*) no período de 2003 a 2018 (Tabela 1).

Tabela 1: Variáveis selecionadas e fonte de pesquisa

Variáveis	Período	Fonte
Exportações mundiais	2013 - 2016	FAO
Importações mundiais	2013 - 2016	FAO
Exportações brasileiras	2003 - 2018	<i>Comex Stat</i>
Importações brasileiras	2003 - 2018	<i>Comex Stat</i>

Fonte: Elaboração própria (2019).

Neste momento, deve-se ressaltar que para os cálculos de comércio exterior utilizou-se, inicialmente, a classificação dos setores/capítulos em dois dígitos (01 a 99) e posição (em quatro dígitos), que, por sua vez, segue a metodologia da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Para o caso do café, constatou-se que ele pertence ao capítulo 09 (Café, chá, mate e especiarias) e sua posição refere-se ao código 0901 (Café, mesmo torrado ou descafeinado; cascas e películas de café; sucedâneos do café contendo café em qualquer proporção). Vale mencionar que os produtos que compõem esse código de NCM são aqueles que pertencem ao setor cafeeiro brasileiros, tais como: café não descafeinado, café em grãos, café descafeinado e cascas e películas de café (BRASIL, 2019).

As informações estão apresentadas no trabalho em três períodos distintos dentro da série completa (2003-2016). A opção por trabalhar com períodos distintos e curtos nas análises possibilita identificar alterações ocorridas entre os anos com maior confiabilidade (CARVALHO, 1995). Dessa forma, a divisão temporal seguiu de acordo com as justificativas apontadas para a utilização do método *Constant Market-Share*:

a) Fase inicial (2003-2008): período que se observou a mudança de governo no Brasil, inicialmente com a manutenção da política macroeconômica e com desvalorização cambial e, em seguida, com sua mudança advinda com o segundo governo Lula. Além disso, precede ao período pré-crise internacional, que alterou alguns mercados no mundo, e com a apreciação cambial, tornando-se mais um fator relevante a ser considerado;

b) Segundo período (2009 a 2013): período imediatamente após crise mundial, crise na União Europeia, e primeiro governo Dilma, com a manutenção das políticas macroeconômicas do período anterior;

c) Terceiro período (2014-2016): período marcado pela instabilidade política e econômica do início do segundo governo Dilma e dada a disponibilidade de dados confiáveis de comércio internacional.

Os principais destinos foram aqueles que consumiram juntos, em média, 97% do produto nacional no período de 2003 a 2018, que foram: Europa, União Europeia, América do Norte, Ásia (inclusive Oriente Médio) e América do Sul.

Para analisar o desempenho das exportações dos produtos de café brasileiros (NCM 0901) optou-se, inicialmente, pela aplicação do *Constant Market-share* (CMS) ou método *shift-share*, considerando os três períodos brasileiros já citados anteriormente. Em seguida, faz-se a comparação entre as duas principais regiões brasileiras que comercializam o café no mercado internacional, são elas: regiões Sudeste e Nordeste.

Leamer e Stern (1970) juntamente com Richardson (1971) trabalharam no aperfeiçoamento do método CMS desenvolvido por Tyszynski (1951), o qual passou a ser utilizado nos estudos sobre crescimento e desempenho do comércio internacional e para a identificação de fatores que afetam as exportações de uma determinada economia. Este método tem como finalidade analisar a participação de uma economia no fluxo do comércio externo a partir da desagregação em tendências de crescimento conforme os seus determinantes (CARVALHO, 1995). O método CMS parte da hipótese e que a participação, seja das exportações ou importações, de uma determinada economia tem a tendência de manter-se constante entre dois intervalos de tempo, e que modificações existentes ocorrem ou devido à elevação do comércio mundial, ou devido à composição da pauta de produto ou é resultante da competitividade no mercado mundial (LEAMER; STERN, 1970; SILVA; MARTINS, 2012).

Desta forma, de acordo com Lima, Lélis e Cunha (2015), o CMS decompõe o crescimento observado das exportações ou importações em quatro efeitos: a) crescimento do comércio mundial, em que o crescimento das exportações mundiais é o *benchmark* para a avaliação do comportamento das vendas externas, por exemplo, de uma economia; b) efeito composição da pauta; c) efeito distribuição de mercados de destinos em crescimento ou declínio; e, d) efeito competitividade. Dessa maneira, utilizou-se o método proposto por Leamer e Stern (1970) como base empírica deste estudo e foram realizadas adaptações para atingir os objetivos. Para a análise, foram utilizadas as seguintes variáveis:

X^1 = valor total das exportações do país/região A (Brasil e regiões Sudeste e Nordeste) no período 1;

X^2 = valor total das exportações do país/região A (Brasil e regiões Sudeste e Nordeste) no período 2;

X^3 = valor total das exportações do país/região A (Brasil e regiões Sudeste e Nordeste) no período 3;

X_i^1 = valor das exportações do país/região A do bem i (café) no período 1;

X_i^2 = valor das exportações do país/região A do bem i (café) no período 2;

X_i^3 = valor das exportações do país/região A do bem i (café) no período 3;

X_{ij}^1 = valor das exportações do país/região A do bem i para o bloco j no período 1;

X_{ij}^2 = valor das exportações do país/região A do bem i para o bloco j no período 2;

X_{ij}^3 = valor das exportações do país/região A do bem i para o bloco j no período 3;

r^1 = crescimento percentual das exportações mundiais entre os períodos 1 e 2;

r^2 = crescimento percentual das exportações mundiais entre os períodos 2 e 3;

r^3 = crescimento percentual das exportações mundiais entre os períodos 1 e 3;
 r_i^1 = crescimento percentual das exportações mundiais do bem i entre os períodos 1 e 2;
 r_i^2 = crescimento percentual das exportações mundiais do bem i entre os períodos 2 e 3;
 r_i^3 = crescimento percentual das exportações mundiais do bem i entre os períodos 1 e 3;
 r_{ij}^1 = crescimento percentual das exportações mundiais do bem i para o bloco j entre os períodos 1 e 2;
 r_{ij}^2 = crescimento percentual das exportações mundiais do bem i para o bloco j entre os períodos 1 e 2;
 r_{ij}^3 = crescimento percentual das exportações mundiais do bem i para o bloco j entre os períodos 1 e 2.

O método CMS considera o valor das exportações como variável básica sendo, inicialmente, não diferenciadas por mercadorias e regiões (Equação 1). Ou seja, modificações nas exportações do país/região A de um período para outro está atrelado ao movimento das vendas mundiais ($r^m X^m$) e a um efeito residual resultante da competitividade ($X^n - X^m - r^m X^m$), em que “ n ” representa o final do período e “ m ” o início (MACHADO *et al.*, 2006; BUHSE *et al.*, 2014):

$$X^n - X^m \equiv r^m X^m + (X^n - X^m - r^m X^m) \quad (\text{Eq. 1}).$$

Contudo, deve-se considerar que as vendas externas são compostas por um conjunto diferenciado de produtos comercializados pertencentes a pauta. Assim, a Equação 2 revela que o aumento das vendas está, agora, sendo influenciado pelo crescimento geral das exportações mundiais, ou seja, pela composição de bens das exportações do país/região A ($\sum_i (r_i^m - r^m) X_i^m$) e ao efeito residual da competitividade:

$$X^n - X^m \equiv r^m X^m + \sum_i (r_i^m - r^m) X_i^m + \sum_i (X_i^n - X_i^m - r_i^m X_i^m) \quad (\text{Eq. 2}).$$

Ao adicionar o destino como variável no método CMS, obtém-se um resultado particular da mercadoria e região de destino, que pode ser representado, genericamente, de acordo com o exposta por Lima, Lélis e Cunha (2015) e Coronel, Machado e Carvalho (2009) (Equação 3).

$$X^n - X^m \equiv \overbrace{r^m X^m}^{(a)} + \underbrace{\sum_i (r_i^m - r^m) X_i^m}_{(b)} + \underbrace{\sum_i \sum_j (r_{ij}^m - r_i^m) X_{ij}^m}_{(c)} + \underbrace{\sum_i \sum_j (X_{ij}^n - X_{ij}^m - r_{ij}^m X_{ij}^m)}_{(d)} \quad (\text{Eq. 3}).$$

Nota-se que $r^m X^m$ (a) refere-se ao efeito crescimento do comércio mundial, pois analisa o comportamento das vendas externas de um país ou região a partir do pressuposto de que se a participação teórica desse país/região no comércio mundial é

constante ao longo do tempo. Dessa maneira, se a composição da pauta de exportações corresponde à pauta do comércio mundial, torna o crescimento real das exportações igual ao crescimento do comércio mundial (XAVIER; VIANA, 2006).

O fator da decomposição (b) da identidade, $\sum_i (r_i^n - r^n) X_i^n$, é a representação do efeito composição da pauta. Xavier e Viana (2006) ressaltam, contudo, que, se o sinal deste efeito for positivo, o país/região estará concentrando as vendas externas de seus produtos em setores que detém altas taxas de crescimento em relação ao mundo. Caso contrário, indicará que o país/região apresenta setores com baixa taxa de crescimento em relação ao mundo. Deve-se ressaltar que se trabalhou apenas com desempenho individual de uma mercadoria (café), o que, segundo Machado *et al.*, (2006), torna o efeito composição da pauta igual a zero.

Para a análise do efeito destino das exportações (c), $\sum_i \sum_j (r_{ij}^m - r_i^m) X_{ij}^m$, pode-se obter o valor positivo se o país/região “A” tiver concentrado suas exportações em mercado(s) que experimentam(ram) um maior dinamismo entre o período analisado, e caso seja negativo, o país/região econômica estará concentrando suas vendas externas em mercado(s) mais estagnado(s) para o intervalo de tempo.

Por último, apresenta-se o efeito residual competitividade (d). Se após a decomposição o efeito competitividade, que pode ser realizada por regiões de destinos, registrar valor negativo, o país/região econômica estará fracassando por manter sua parcela no mercado mundial. Entretanto, este fator apresenta interpretações limitantes, pois, de acordo com Lima, Lélis e Cunha (2015), esse resultado residual agrega uma lista de fatores que podem estar influenciando, de alguma forma, esta competitividade. Leamer e Stern (1970) colocam que tais fatores podem ser as variáveis que afetam tanto a demanda quanto a oferta de bens e serviços. Assim, ao realizar a decomposição das vendas externas de café brasileiro chega-se as seguintes expressões do método CMS por período de análise (Equações 4, 5 e 6):

Entre o Período 1 e 2 (Eq. 4):

$$X^2 - X^1 \equiv r^1 X^1 + \sum_i (r_i^1 - r^1) X_i^1 + \sum_i \sum_j (r_{ij}^1 - r_i^1) X_{ij}^1 + \sum_i \sum_j (X_{ij}^2 - X_{ij}^1 - r_{ij}^1 \cdot X_{ij}^1)$$

Entre o Período 2 e 3 (Eq. 5):

$$X^3 - X^2 \equiv r^2 X^2 + \sum_i (r_i^2 - r^2) X_i^2 + \sum_i \sum_j (r_{ij}^2 - r_i^2) X_{ij}^2 + \sum_i \sum_j (X_{ij}^3 - X_{ij}^2 - r_{ij}^2 \cdot X_{ij}^2)$$

Entre o Período 1 e 3 (Eq. 6):

$$X^3 - X^1 \equiv r^1 X^1 + \sum_i (r_i^1 - r^1) X_i^1 + \sum_i \sum_j (r_{ij}^1 - r_i^1) X_{ij}^1 + \sum_i \sum_j (X_{ij}^3 - X_{ij}^1 - r_{ij}^1 \cdot X_{ij}^1)$$

Portanto, o cálculo do *Constant Market-share* (CMS) ou método *shift-share* foi escolhido para esta análise devido fornecer uma visão do comportamento das exportações de um determinado produto, no caso o café nacional, com os principais *players* compradores. Os resultados da aplicação dos indicadores de competitividade revelada e deste método estarão analisados e debatidos na seção seguinte

4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção apresenta os resultados do estudo que auxiliam no entendimento do contexto do mercado do café brasileiro no cenário internacional. Portanto, apresenta-se os aspectos relacionados o comércio exterior brasileiro de café entre 2003 e 2018, e os rebatimentos sobre as exportações de café do Brasil a partir do método CMS.

4.1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMÉRCIO EXTERIOR DO CAFÉ BRASILEIRO

Entre 2003 e 2010, uma década após o processo de abertura comercial brasileira, constatou-se elevação das vendas externas de produtos que utilizavam intensivamente os recursos naturais abundantes no Brasil, enquanto se via, ao mesmo tempo, a deterioração das exportações das mercadorias intensiva em capital na pauta brasileira. Esse resultado reforça o modelo apresentado por Heckscher-Ohlin aplicado a conjuntura brasileira (FEISTEL; HIDALGO, 2011).

Os principais blocos econômicos que demandaram produtos brasileiros entre 2003 e 2018 foram: Ásia (incluindo Oriente Médio), Europa, União Europeia, América do Norte e América do Sul. Desses, apenas Ásia e América do Sul registraram crescimento nas compras dos produtos nacionais, cerca de 120% e 9%, respectivamente, enquanto os demais reduziram participações nas compras no período (BRASIL, 2019).

No que diz respeito ao setor café, chá, mate e especiarias (correspondente ao capítulo 09 do NCM), constatou-se que a participação do mesmo no total das exportações brasileiras ao longo de 2003 e 2018 manteve-se na faixa dos 2%, com oscilações positivas no ano de 2012 e 2016, e chegou a 3,15% e 2,95% de participação na pauta nacional, respectivamente. Entretanto, essa participação obteve seu menor valor em 2014, quando alcançou 1,88% de participação e, em 2016, com 1,90% (BRASIL, 2019). Vale ressaltar que, em 2012, a queda das exportações do setor foi expressiva devido a questões climáticas nas regiões produtoras do País, o que, impactou na colheita, preparo e comercialização do produto nos anos seguintes.

Já no que se refere a compra específica dos produtos de café brasileiros, nota-se que os principais *players* compradores desta cultura apresentaram fortes oscilações ao longo da série, com queda substancial em 2013, comportamento este recuperado no ano seguinte. Contudo, a partir de 2015, visualiza-se uma nova queda de participação na compra dos produtos do café por parte desses *players*. Assim, pode-se indicar o grupo de principais demandantes do café brasileiro entre 2003 e 2018, que foram, a saber: União Europeia e Europa, seguido pela América do Norte (BRASIL, 2019).

Tradicionalmente, cinco estados brasileiros são responsáveis por, praticamente, 100% das exportações brasileiras dos produtos de café referentes ao NCM 0901 (café mesmo torrado ou descafeinado; cascas e películas de café; sucedâneos do café contendo café em qualquer proporção), sendo os mais representativos os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. As médias de participação desses estados foram de 75%, 10% e 10% respectivamente. Quando se observa o desempenho por regiões brasileiras, nota-se o domínio da região Sudeste nas vendas destes produtos de café, com média expressiva de participação de 95%, seguido pela região Nordeste, que registrou média de participação em torno de 2% no período (BRASIL, 2019).

Ao observar a participação do comércio mundial das exportações dos produtos de café (NCM 0901) das duas regiões brasileiras que obtiveram as maiores médias de participação nas vendas externas, nota-se que a região Sudeste detém, realmente, participação expressiva em torno dos 95%, em média, nas exportações dos produtos de café brasileiro no período analisado (BRASIL, 2019). Enquanto que a região nordestina apresentou queda no *Market-share* de 2,41%, em 2003, para 1,23% em 2018, o que

revela queda de competitividade no mercado externo dos produtos de café da região no comércio mundial dos produtos de café (BRASIL, 2019). Já os produtos de café nordestinos apresentaram crescimento mais expressivo em torno de 122% para o mesmo intervalo de tempo. Tal comportamento revela que as exportações dos produtos de café das regiões selecionadas teriam dimensão maior diante de suas importações ao se compararem com a mesma relação para o País como um todo.

4.2 REBATIMENTOS DO COMÉRCIO EXTERNO NAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ BRASILEIRO: ANÁLISE DO MARKET-SHARE CONSTANTE

A partir dos resultados da decomposição em efeitos crescimento do comércio mundial, constatou-se desempenho favorável das exportações de café do Brasil nos três períodos analisados (PI, PII e PIII), ou seja, o desempenho das exportações está associado ao efeito crescimento mundial, o qual contribuiu para elevação no volume exportado. Assim, em síntese, o efeito crescimento mundial foi determinante para justificar o desempenho das vendas de café brasileiro no mercado internacional, dado que o valor percentual para os três períodos considerados foi significativo e crescente. Isso demonstra, então, que o Brasil ainda é um grande *player* no mundo, apesar de ter menos poder de influenciar preços do produto (NISHIJIMA; SAES; POSTALI, 2012).

Nos três períodos, nota-se uma participação negativa do efeito destino nas exportações nacionais de café, o qual indica que o país concentrou suas vendas, de modo geral, em mercados ou blocos menos dinâmicos, em vez de destiná-las as regiões com crescimento nas importações acima da média mundial. Dos blocos considerados, apenas o efeito mercado América do Sul mostrou-se positivo nos períodos I (2003-2008) e III (2013-2016) analisados e o efeito Ásia (incluindo Oriente Médio) nos períodos II (2009-2013) e III (Tabela 2). Os efeitos dos mercados Europa, União Europeia e América do Norte foram negativos em todos os períodos, sendo mais forte no período III. Outro motivo que pode ser apontado como decisivo para o efeito negativo foi a redução da demanda destes principais blocos consumidores do café brasileiro, que talvez estejam direcionando suas importações para outros países produtores e exportadores de café (AREVALO; ARRUDA; CARVALHO, 2016).

Tabela 2 – Brasil: fontes de crescimento das exportações dos produtos de café (2003-2016)

	Período PI (2003- 2008)	Período PII (2009- 2013)	Período PIII (2014-2016)
Brasil			
$X'' - X' =$	60.184.889	12.531.476	106.986.518
Efeito crescimento do mercado	58.773.605	13.263.351	107.875.416
Efeito distribuição de mercado (destino)	-124.395	-163.741	-680.579
Efeito mercado Europa	-52.456	-68.657	-243.983
Efeito mercado UE	-129.838	-69.069	-389.224
Efeito mercado América do Norte	-68.352	-51.806	-286.558
Efeito mercado Ásia inclusive Oriente Médio	-463	88.350	175.665
Efeito mercado América do Sul	126.714	-62.560	63.521
Efeito competitividade	1.411.283,82	-568.135	-273.517
Efeito competitividade (Europa)	1.420.029	-221.286	-208.319
Efeito Competitividade (UE)	-173.543	-229.305	-221.085
Efeito Competitividade (América do Norte)	198.649	35.758	242.677,88
Efeito Competitividade (Ásia inclusive Oriente Médio)	66.445	-162.430	53.788,52
Efeito Competitividade (América do sul)	-100.296	9.129	-140.579,67

Fonte: Brasil, 2019. Elaboração própria (2020).

Santos e Ferreira (2018) auxilia na compreensão do efeito destino negativo nas exportações de café brasileiro quando afirma que a sustentação da regulação da cadeia produtiva do café criou a identidade de que o Brasil era produtor de um único tipo de café, fato que impediu a atração de grandes consumidores e de mercados especializados. Por esse motivo, segundo os autores, busca-se, atualmente, agregar valor à *commodity*, saindo de posição meramente vendedor para um novo patamar mais próximo do consumidor final, o que possibilita elevar a visibilidade e demanda pelo café diferenciado nacional.

Deve-se ressaltar que o efeito competitividade está relacionado a um ambiente de geração e manutenção de vantagens competitivas a partir da utilização de políticas macroeconômicas, industriais e de comércio exterior (XAVIER; VIANA, 2006). Portanto, o desempenho diferenciado do efeito competitividade de regiões pode estar atrelado a diversos fatores, dentre eles, por exemplo, o distanciamento do mercado consumidor internacional, assim como, a ineficiência da estrutura rodoviária nacional que impactam negativamente nos custos de transportes dos produtos comercializados no comércio internacional.

Assim, em termos de efeito competitividade geral do café brasileiro, apenas o primeiro período revelou-se positivo, puxado pelo efeito competitividade presente nos blocos da Europa, América do Norte e Ásia (inclusive Oriente Médio). No entanto, para o efeito competitividade é preciso considerar que a modificação de outros fatores, que não são visualizados pelos resultados, pode ter influenciado o resultado negativo deste efeito, principalmente nos períodos II e III para o Brasil como um todo e regiões selecionadas. Dentre esses fatores, apontam-se os edafoclimáticos e as diferentes políticas públicas estaduais ou até mesmo federais para o setor cafeeiro. Ainda dentro do efeito competitividade, vale destacar as estratégias adotadas para à obtenção de certificações de qualidade e responsabilidade social, que no médio e longo prazo possibilitam a diferenciação de produtos e conservação de posição sustentável no mercado internacional (SAKON *et al.*, 2012).

O desempenho favorável das exportações de café do Sudeste do Brasil está associado, essencialmente, à alta participação positiva dos efeitos de crescimento do comércio mundial. O efeito destino teve influência negativa nos três períodos, o que indica que a região não foi agressiva em suas políticas de comercialização da *commodity* no mercado internacional e direcionou seu produto para blocos não tão dinâmicos como é de se esperar (Tabela 3).

Tabela 3 - Região Sudeste: fontes de crescimento das exportações dos produtos de café (2003-2016)

Região Sudeste	Período PI (2003- 2008)	Período PII (2009- 2013)	Período PIII (2014-2016)
$X'' - X' =$	34.106.376	6.447.542	53.545.129
Efeito crescimento do mercado	32.983.218	7.277.950	54.488.625
Efeito distribuição de mercado (destino)	-123.009	-150.140	-612.246
Efeito mercado Europa	-49.074	-62.644	-217.885
Efeito mercado UE	-121.312	-63.025	-349.355
Efeito mercado América do Norte	-61.237	-45.266	-251.084
Efeito mercado Ásia inclusive Oriente Médio	-451	80.470	146.218
Efeito mercado América do Sul	109.064	-59.675	59.861
Efeito competitividade	1.123.157,47	-680.268	-616.691
Efeito competitividade (Europa)	1.253.878	-264.139	-331.250
Efeito Competitividade (UE)	-227.717	-253.344	-315.204

Efeito Competitividade (América do Norte)	150.603	34.478	191.352,34
Efeito Competitividade (Ásia inclusive Oriente Médio)	18.055	-204.623	-50.154,25
Efeito Competitividade (América do sul)	-71.662	7.360	-111.435,21

Fonte: Brasil, 2019. Elaboração própria (2020).

Deve-se ressaltar, ainda, que o efeito destino Ásia e América do Sul conseguiu amenizar o efeito negativo. O primeiro, Ásia, no período II e III, enquanto o segundo (América do Sul) no período I e III, pois se apresentaram positivos. O efeito competitividade, por sua vez, influenciou positivamente no resultado total apenas no período I, com destaque para o efeito competitividade da Europa, América do Norte e Ásia. No período II e III, pode-se destacar que o efeito negativo da competitividade total foi amenizado pelo efeito positivo da competitividade América do Norte.

No caso da região nordestina do Brasil, o efeito crescimento do comércio mundial contribuiu significativamente para impulsionar as exportações de café, porém, os efeitos destino das exportações e competitividade cooperaram para reduzi-las. Assim, mais uma vez constata-se que a participação negativa do efeito destino indica que a região concentrou suas exportações em mercados/blocos com pouco dinamismo da demanda. Esse comportamento atingiu seu nível mais crítico no terceiro período, 2014-2016, em relação ao período-base 2003-2008. O efeito mercado Ásia, contudo, contribuiu para amenizar o efeito total negativo dos destinos nas vendas de café da região nos períodos II e III, assim como aconteceu com o Sudeste e o Brasil como o todo (Tabela 4).

Tabela 4 - Região Nordeste: fontes de crescimento das exportações dos produtos de café (2003-2016)

Região Nordeste	Período PI (2003- 2008)	Período PII (2009- 2013)	Período PIII (2014-2016)
X'' - X' =	4.860.322	928.358	7.758.774
Efeito crescimento do mercado	4.884.846	1.005.923	7.826.515
Efeito distribuição de mercado (destino)	-4.099	-4.460	-12.976
Efeito mercado Europa	-1.470	-1.472	-3.117
Efeito mercado EU	-3.695	-1.526	-5.019
Efeito mercado América do Norte	-3.038	-1.703	-7.001
Efeito mercado Ásia inclusive Oriente Médio	-8	610	1.962
Efeito mercado América do Sul	4.111	-369	198
Efeito competitividade	-24.523,89	-73.106	-133.851
Efeito competitividade (Europa)	18.516	-32.528	-54.765
Efeito Competitividade (UE)	-24.037	-32.259	-52.280
Efeito Competitividade (América do Norte)	-5.473	-10.006	-15.707,21
Efeito Competitividade (Ásia inclusive Oriente Médio)	-6.099	1.959	-3.105,48
Efeito Competitividade (América do sul)	-7.430	-272	-7.993,88

Fonte: Brasil, 2019. Elaboração própria (2020).

Em relação ao efeito competitividade total, nota-se, mais uma vez, que foi negativo ao longo dos períodos analisados para a região nordestina, demonstrando que o café da região não vem ganhando notoriedade competitiva nos mercados. Nesse cenário, fica evidente a existência de um hiato para implementação de políticas públicas regionais e nacional. Ou seja, exige-se coordenação de toda a cadeia agroindustrial do café diante da nova realidade que o mercado mundial está colocando, onde se demanda, cada vez mais, respostas rápidas e eficientes à adequação às necessidades dos agentes atuantes na cadeia produtiva do café brasileiro diante da intensificação concorrencial do mercado internacional (SANTOS; FERREIRA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo de identificar as fontes de desempenho das exportações brasileiras de produtos de café entre 2003 e 2016 foi alcançado, pois conseguiu delinear o desempenho das vendas externas dos produtos de café, pertencentes ao NCM 0901, com o mundo, frente os principais blocos econômicos demandantes dos produtos nacionais.

Assim, a opção metodológica de utilizar o método *Constant Market-Share* (CMS) no período de 2003 e 2016 mostrou-se adequado para o presente estudo, pois possibilitou observar que o efeito crescimento do comércio mundial foi decisivo para o comportamento das exportações dos produtos de café do Brasil e das regiões Sudeste e Nordeste brasileiro.

Os resultados obtidos revelaram, ainda, que o efeito distribuição do mercado total (destino), por sua vez, teve um impacto negativo em todos os períodos analisados, contudo, alguns *players* de forma isolada obtiveram efeito destino positivos que contribuíram para amenizar o resultado negativo do efeito destino total nas exportações nacional e regional. Por fim, o efeito competitividade foi positivo para o desempenho das vendas de produtos de café apenas para o período I (2003-2008) das vendas brasileiras e da região Sudeste.

Paralelamente, os resultados obtidos mostraram que o bom desempenho das exportações ocorreu devido a políticas internas, mesmo que modestas, de incentivo às exportações. *In hoc sensu*, o presente artigo colabora com estudos recentes sobre o comércio dos produtos de café nacional e das principais duas regiões brasileiras exportadoras de destaque no mercado internacional.

Por fim, estes resultados ajudam a se pensar em ações, por parte da iniciativa privada e pública, que possam auxiliar no impacto positivo nas vendas internacionais dos produtos de café, principalmente das regiões Sudeste e Nordeste, pois possuem potenciais de aumentar suas parcelas no mercado mundial. Assim, as regiões Sudeste e Nordeste devem adotar novas medidas que fortaleçam o setor cafeeiro e eliminem ou pelo menos minimizem os impactos negativos de outros fatores internos que estejam afetando a competitividade do produto, como, por exemplo, os custos de transportes elevados. Para finalizar, o estudo leva a necessidade de novas pesquisas que reforcem as investigações com essa temática e que possibilite a identificação de obstáculos e barreiras para o setor cafeeiro brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. M. de; SILVA, O. M. da; BRAGA, M. J. O comércio internacional do café brasileiro: a influência dos custos de transportes. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 49, n. 2, p. 323-340, 2011.

AREVALDO, J. L. S.; ARRUDA, D. O.; CARVALHO, J. P. de. Competitividade no comércio internacional do café: um estudo comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v.18, n.1, p. 62-78, 2016.

BARRA, G. M. J. ATUAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ NA DINÂMICA DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO CAFÉ Action of the Brazilian coffee roasters association in the dynamics of the agricultural system of coffee. **Informe GEPEC, [S. l.]**, v. 25, n. 1, p. 123-142, 2021.

BRAGA, F. L. P.; MELO, M. C. P. de. Intensidade tecnológica das transações externas brasileiras (2005-2015): uma análise regional. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v.11, n. 3, p. 314-335, 2017.

BRAGA, F. L. P.; VILHENA, L. G. de; LIMA, B. B. de. Inserção internacional do setor calçadista das regiões Nordeste e Sul do Brasil: dinâmica das exportações (2005-2015). **Revista Econômica do Nordeste**, v. 18, n.3, p. 129-146, 2017.

BRAINER, M. S. C. P. Produção de café. **Caderno setorial ETENE**. Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, ano 5, n. 138, 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Plataforma Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Comex Stat)**, 2019. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>. Acesso em 20 de julho de 2019.

BUHSE *et al.* Competitividade das exportações da carne bovina dos países do Mercosul: uma análise a partir do Constant-Market-Share. **Revista Perspectiva Econômica**, v.10, n. 2, p. 94-106, 2014.

CARMO, E. C. do; MARIANO, J. **Economia internacional**. Editora Saraiva, 2. Ed. atualizada e ampliada, São Paulo, 2010.

CARVALHO, F. M. A. **Comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial**. 1995. Tese (Doutorado em Economia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Piracicaba, 126p, 1995.

CARINATO, D. A. **O papel das exportações no crescimento econômico e na restrição externa**: uma análise para a economia brasileira entre 1970-2006. Dissertação (Mestrado) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 127p, 2011.

CORONEL, D. A.; MACHADO, J. A. D.; CARVALHO, F. M. A. de. Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileira de 1995 a 2006: uma abordagem de Market-Share. **Revista de Economia Contemporânea**, v.13, n.2, p. 281-307, 2009.

COSTA, R. A.; CASTRO, I. S. B. O comércio internacional do Ceará (1997-2012): uma análise a partir de Heckscher-Ohlin. **CONTEXTUS - Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v.13, n. 3, p. 111-138, 2015.

COSTA, S. J. da; SILVA, O. M. da. Café: condicionantes e elasticidades da demanda de consumo interno. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 35, n. 4, p. 557-566, 2004.

FEISTEL, P. R.; HIDALGO, A. B. O Intercâmbio Comercial Nordeste-China: Desempenho e Perspectivas. **Documentos Técnico-Científicos**, Banco do Nordeste do Brasil, v. 42, n.4, p. 761-777, 2011.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **FAOSTAT**, 2019. Disponível em <www.apps.fao.org/agriculture> Acesso em: julho de 2019.

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C.P. **Inserção Internacional da Economia Cearense**. Fortaleza, Banco do Nordeste, 2003.

JOÃO, B. N.; SALGUEIRO, J.; JESUS, M. A. S. de. Competitividade do setor de café no Brasil e na Colômbia: uma extensão do diamante de Porter. **Revista Lazer & Turismo**, v. 6, n. 7, p. 119-140, 2009.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. **Economia internacional**. 10.ed. São Paulo: Pearson, 2015.

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. **Quantitative international economics**. Chicago: Allyn and Bacon, 1970.

LIMA, M. G. de; LÉLIS, M. T. C.; CUNHA, A. M. Comércio internacional e competitividade do Brasil: um estudo comparativo utilizando a metodologia Constante-Market-Share para o período 2000-2011. **Revista Economia e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 419-448, 2015.

MACHADO *et al.* Análise do desempenho das exportações brasileiras de carne bovina: uma aplicação do método Constant-Market-Share, 1995-2003. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 4, n. 2, p. 195-218, 2006.

MAIA, J. M. **Economia internacional e comércio exterior**. Editora Atlas, 5^o edição, São Paulo, 2013.

MELO, M. C. P de.; BRAGA, F. L. P.; HOLANDA, D. R. **O comércio exterior do Nordeste brasileiro e seu fluxo caudatário**. São Paulo, editora Nelpa, 2014.

MELO, M. C. P de.; BRAGA, F. L. P.; AMARAL FILHO, J. do. Comércio exterior cearense (1989-2016): restrições e potencialidades. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 89-106, 2019.

MOREIRA, U. Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa. **Revista de Economia Política**, v. 32, n. 2, p. 213-228, 2012.

NISHIJIMA, M.; SAES, M. S. M.; POSTALI, F. A. S. Análise de concorrência no mercado mundial de café verde. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 50, n. 1, p. 69-82, 2012.

PIRES *et al.* Fatores de crescimento das receitas das exportações brasileiras de café. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2007.

RICHARDSON, J. D. Some sensitivity tests for a "constant-market-shares" analysis of export growth. **The Review of Economics and Statistics**, v. 53, n. 3, p. 300-304, 1971.

SAKON *et al.* A produção e industrialização do café no Brasil e a economia nacional: simulações sob um modelo inter-regional de insumo produto. **Documentos Técnicos científicos**. Banco do Nordeste, v. 43, n. 23, p. 443-462, 2012.

SANTOS, M. A. dos; FERREIRA, M. A. M. Cafés especiais, governo e mercado: reflexões para a implementação de políticas de valorização da marca "Cafés do Brasil". **RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Ed. Unoesc, v. 17, n. 2, p. 643-666, 2018.

SCHNAIDER, P. S. B.; SAES, M. S. M. Estratégias na composição de blends no mercado internacional de café: uma análise de cointegração. **Informe GEPEC**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 50-66, 2014.

SEREIA, V. J.; CAMARA, M. R. G.; ANHESINI, J. A. R. Competitividade do complexo cafeeiro: uma análise a partir do Market-Share e das vantagens comparativas simétricas. **Revista de Economia**, v. 38, n. 1, p. 07-34, 2012.

SILVA, J. L. M. da; MARTINS, J. S. Competitividade e parcela do mercado: uma análise do Constant Market Share para o mercado de camarão brasileiro. **Documentos Técnico-Científicos**, v. 43, n. 1, p. 125-137, 2012.

TYSZYNSKI, H. **World trade in manufactured commodities, 1899-1950**. The Manchester School of Economic and Social Studies, v. 19, n. 3, p. 222-304, 1951.

XAVIER, C. L.; VIANA, F. D. F. Composição das exportações da Região Nordeste e seus estados: uma aplicação do método shift-share para o período recente. **Anais... XI Encontro Regional de Economia**. Fórum BNB. Fortaleza, 2006. Disponível em <http://edi.bnb.gov.br/content/aplicacao/Eventos/forumbnb2006/docs/composicao_das_exportacoes.pdf>. Acesso em 4 de abril de 2020.

AUTORES

Francisco Laercio Pereira Braga. Professor Dr. do curso de graduação em Administração de Empresas da Universidade Estadual do Ceará. Avenida Dr. Silas Munguba, 1700 bairro Itaperi, CEP: 60.714.903, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: laercio.braga@uece.br

Kilmer Coelho Campos. Professor Dr. do curso do Programa de Pós-Graduação

em Economia Rural (MAER) da Universidade Federal do Ceará. Av. Mister Hull, 2977 – Campus do Pici, Bloco 826. Fortaleza- Ceará, Brasil. CEP 60.440-970, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: kilmer@ufc.br

Recebido em 21/06/2022.

Aceito em 20/12/2022.